

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

A ATIVIDADE EXTRA CLASSE COMO SUPORTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Luciana Buttgen Back ¹
Gilmara Belmiro da Silva ²

Resumo

O presente artigo é resultado da experiência pedagógica desenvolvida por meio do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2016/2017 com alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual do Campo José de Anchieta, distrito de Graciosa, no município de Paranaíba-Pr. O objetivo foi analisar a função pedagógica da atividade extra classe em forma de tarefa de casa no processo de ensino e aprendizagem e ainda refletir sobre quais são os encargos dos responsáveis, alunos e professores para que a mesma cumpra o seu papel. Para tanto, apresentamos uma discussão teórica sobre a função da família na educação; a função social da escola; a finalidade da atividade extra classe em forma de tarefa e o perfil do professor como mediador do conhecimento. A partir desse estudo, planejamos a implementação em três momentos distintos e com três públicos alvo. Inicialmente investigamos como o professor das diferentes disciplinas elabora as atividades que manda para o aluno desenvolver em casa e com qual propósito; Na sequência, investigamos como os responsáveis acompanham os estudos do aluno e os orientam na resolução das atividades educacionais encaminhadas pelo professor e para concluir, investigamos com os alunos do 6º ano do ensino fundamental, veem o dever de casa e como os realizam. Nos três momentos foram desenvolvidos leituras de textos, debates, reflexões e orientações sobre a responsabilidade de cada segmento quanto ao dever de casa. Essas ações contribuíram como alavanca para descobrir até que ponto as tarefas escolares assumem papel significativo de aprendizagem dentro da escola.

Palavras-chave: Atividade extra classe; Aprendizagem; Responsabilidade; Família; Escola.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo desenvolvemos uma análise da função pedagógica da atividade escolar extra classe em forma de tarefa de casa no processo de ensino e aprendizagem e ainda uma reflexão sobre quais são os encargos dos responsáveis, alunos e professores para que a mesma cumpra a sua função. O público alvo foram os alunos do 6º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual do Campo José de Anchieta, Distrito de Graciosa, no município Paranaíba, Paraná. Este trabalho foi realizado para o aprofundamento temático, teórico-prático no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), promovido pela Secretaria de Educação do Paraná (SEED), turma 2016/2017.

¹Professora da rede pública de educação do Estado do Paraná.

²Professora Orientadora da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Campus de Paranaíba.

A escolha do tema se justifica por acreditarmos que a atividade extra classe em forma de tarefa de casa quando adotada criteriosamente e bem orientada, pode potencializar o aprendizado. Porém, se adotada sem critérios, mal orientada e mal conduzida, pode diminuir o interesse pela aprendizagem e aumentar as desigualdades educacionais.

Dessa forma, optamos em aprofundar o estudo para entendermos como o professor vê a função da atividade extra classe na disciplina específica que atua; como a equipe pedagógica acompanha as diversas variáveis dessas atividades, tais como, quantidade, grau de dificuldade e execução das mesmas; o que o aluno e a família pensa a respeito da mesma.

Partindo do pressuposto que a educação depende cada vez mais da interação entre família e escola, e abrir um canal de comunicação entre ambas, respeitando os seus saberes e individualidade, se constitui em vantagens para o aprendizado do aluno, tentamos responder aos seguintes questionamentos: Quais caminhos a família, a equipe pedagógica, os professores e alunos devem buscar para amenizar a problemática da execução atividade escolar extra classe? O professor elabora suas atividades de tarefa escolar por elaborar ou busca estratégias e objetivos a atingir? Estas indagações funcionaram como alavanca para descobrirmos até que ponto as atividades escolares extra classe assumem ou não papel significativo de aprendizagem dentro da escola.

Para responder essas questões foram aprofundados os estudos na perspectiva da Pedagogia Histórico Crítica sobre a função social da escola, dos professores e da família no processo de aprendizagem dos alunos.

Como suporte metodológico, utilizamos questionários investigativos para coleta de dados, leitura de textos, exibição de trechos de filmes, pesquisas orientadas, debates e reflexões. Tudo isto visando mostrar que a educação e o aprendizado do aluno é um assunto que deve ser discutido e deliberado conjuntamente pela equipe pedagógica, os próprios estudantes e também os pais ou responsáveis.

Enfim, as atividades desenvolvidas buscaram mostrar: ao aluno que um bom “fazedor” de tarefa precisa de organização, paciência, atenção e saber utilizar o conhecimento escolar; Ao professor que: A tarefa para ter eficácia precisa ser

planejada, orientada, corrigida e avaliada e aos pais que participar da vida escolar do filho é uma de suas funções diárias

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico que embasou este estudo foi constituído na perspectiva da Pedagogia Histórico Crítica sobre a função social da escola, dos professores e da família no processo de aprendizagem dos alunos.

Aprender ou não estão vinculados a diferentes causas que se interligam e não devem ser menosprezada pela escola, já que sua principal função social é proporcionar ao aluno o aprendizado da leitura, escrita, raciocínio matemático, conhecimento científico e histórico. Garantir a aprendizagem é função de toda escola. Aprendizagem “é um processo de assimilação de conteúdos escolares por meio da atividade própria dos alunos” (Libâneo, 1992, p.104), que devem ser os sujeitos do processo de aprendizagem, respondendo por suas obrigações para com a escola.

Porém, sabe-se que essa função há muito tempo vêm passando por crises que vão além do alcance da escola. Fatores como ambiente familiar, social, contexto sócio e econômico e emocional em que o indivíduo está inserido podem causar e posteriormente reforçar as dificuldades de aprender, sem contar os fatores individuais que interferem nos problemas de aprendizagem.

Ao ingressar na escola, os conhecimentos e valores sócio, culturais adquiridos no contexto familiar podem entrar em conflito com os que a escola precisa transmitir. Este conflito se apresenta em forma de emoções e sentimentos, como agressividade ou passividade ou ainda baixo estima, fatos que acabam interferindo no desenvolvimento da criança e na aprendizagem. Vigotsky (1988) ao considerar a aprendizagem como profundamente social, afirma que quando os pais ajudam e orientam a criança desde o início de sua vida, dão a ela uma atenção social mediada, e assim desenvolvem um tipo de atenção voluntária e mais independente, que ela utilizará na classificação e organização de seu ambiente.

Os distúrbios provenientes de uma educação familiar mal orientada podem resultar em problemas de aprendizagem. A influência do lar como habitat da criança e da família, assim como a influência do meio social mais amplo, é muito grande, principalmente na primeira infância e adolescência. Estas são as fases críticas do

desenvolvimento do ser humano, que sempre requerem um maior cuidado e atenção (DROUET, 2006).

O adulto é considerado por Vigotsky (1988), como um mediador no processo de desenvolvimento da criança e oferece instrumentos para a apropriação do conhecimento. Porém, a internalização dos recursos disponíveis no ambiente ocorre de forma individual, variando de uma criança para outra.

Ao entrar para a escola, o aluno traz em sua bagagem estes conhecimentos que devem ser levados em conta pelo professor. A autora Szymanski (2007) chama esse momento de “O inevitável encontro”. Encontro que pode ser carregado de conflitos, por diferentes fatores como, os objetivos da escola, conteúdos, métodos, contradição de valores sócios culturais, crenças, classe social, escolaridade dos pais, dentre outros.

Dos conflitos que surgem desta interação se devem, em parte, ao sistema educativo familiar e à visão que a família tem da escola e o que pretende com a permanência das crianças neste ambiente. Quando a família acredita nos valores e normas da escola com expectativa de um futuro melhor para seu filho através da educação, os problemas dessa relação são menores.

Existem ainda os pais que não acreditam na educação escolar e tão pouco na cultura postulada por esta e que tratam a educação com descaso e submetem seus filhos a ela como obrigação civil. Comportamento que vai influenciar na vida escolar do filho.

Pode ser verificado nos pressupostos psicanalíticos de Winnicott (1997) que considera a família como componente indispensável à boa estruturação psicológica da criança. Porém, o autor lembra que a existência da família por si só, não assegura o desenvolvimento saudável da criança, uma vez que ela é também influenciada por fatores intrínsecos, que determinarão em grande parte a maneira como se apropriará dos recursos disponíveis.

Vigotsky (1988) ao considerar a aprendizagem como profundamente social, afirma que quando os pais ajudam e orientam a criança desde o início de sua vida, dão a ela uma atenção social mediada, e assim desenvolvem um tipo de atenção voluntária e mais independente, que ela utilizará na classificação e organização de seu ambiente.

Neste contexto é necessária uma efetiva parceria entre a escola e a família. Pois se a escola e os pais falarem a mesma língua, o aluno entenderá sem grandes conflitos a importância de cada uma delas para sua vida.

Com o engajamento da família na escola, os pais ficam "atualizados" na vida escolar do filho e colaboram na cobrança e incentivos, nas atividades extraclasse realizadas, principalmente em casa como tarefa escolar, onde a função dos responsáveis é criar uma rotina de estudo. A escola por sua vez, conhece melhor o aluno, suas necessidades e ansiedades. Assim a comunicação entre família e escola é de extrema importância na aprendizagem do aluno.

Quando a escola e família estabelecem uma parceria em favor do educando, estão promovendo a educação propriamente dita e muitos conflitos hoje em sala de aula, vão sendo aos poucos superados. Todavia, para que isso possa acontecer é necessário que a família realmente participe da vida escolar de seus filhos, que tenha comprometimento, envolvimento com a escola, gerando assim, sentimentos positivos no aluno, fazendo sentir-se amparado e valorizado como ser humano.

A principal função da escola é contribuir para a democratização da sociedade, proporcionando a formação cultural e científica a todos como forma de emancipação, ou seja, o seu papel é a transmissão e/ou assimilação ativa crítica dos conhecimentos historicamente elaborados. Saviani (2005, p. 14) declara "a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado".

A partir da diversidade dos envolvidos no processo educacional busca-se um consenso para realizar uma escola para todos, onde a base seja uma aprendizagem significativa, que transforme, ou contribua para modificar positivamente a realidade dos nossos alunos, favorecendo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

De acordo com Freire (1996) que a escola deve ser democrática libertadora, universal; que assegure a qualidade do ensino aprendizagem para todos como condição necessária ao exercício da cidadania, viabilizando a eliminação de relações competitivas, corporativas e autoritárias.

À escola cabe realizar essa formação por meio de um processo de ensino e aprendizagem de conhecimentos, habilidades, valores, atitudes solidárias, formas de pensar e atuar na sociedade, garantindo a educação escolar para todos, num

universo cultural comum, para que possam compreender a realidade, desenvolvendo o sentimento de pertencimento na comunidade onde vivem.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Estaduais do Paraná (DCE, 2008) a escola não pode compactuar com o fracasso e a exclusão dos alunos, ela se vê obrigada a refletir sobre os limites impostos a seu trabalho pelos determinantes sociais, políticos econômicos e culturais mais amplos; e, também se volta continuamente para rever seu currículo e todo seu projeto educativo, buscando impor-se socialmente como instância formadora que procura atender e beneficiar todas as crianças e jovens que lhes são confiados.

Saviani (1991) considera que, a escola existe para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitem o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber.

Eis o grande desafio da escola, fazer do ambiente escolar através de seus conteúdos, métodos e técnicas, lugar que proporcione o aprendizado, que a escola deixe de ser um ponto de encontro e passe a ser, encontro com o saber e descobertas.

Para Vasconcellos (1989) para que haja um ensino transformador, é preciso competência profissional e coragem para rever as propostas de trabalho no interior da escola, onde apesar dos problemas enfrentados que não são poucos, o educador compreenda que ele ainda é o principal agente de sua transformação junto com seus pares e todos os envolvidos no processo. É imprescindível compreender que é preciso investir nas relações trabalho que se processam no interior das escolas e na sala de aula para que possamos enfrentar a realidade com a qual nos deparamos e promover a formação consciente da cidadania do educando.

Para tanto, torna-se necessário ao professor, o conhecimento de estratégias de ensino, além da abertura, em suas aulas, para a reflexão dos problemas sociais, possibilitando aulas mais democráticas, através de um saber emancipador. Pois, apropriar-se criticamente da realidade significa contextualizar um determinado tema de estudo, compreendendo suas ligações com a prática vivenciada pela humanidade (LIBÂNEO, 1998, p 42).

Parrat-Dayán (2008) enfatiza a importância de se estreitar os laços entre escola e comunidade, chamando os pais para discutir os diversos problemas pertinentes à educação dos seus filhos, informando-os sobre os problemas e

objetivos da escola e assim se co-responsabilizar pela aprendizagem na sala de aula e fora dela. Assim percebe-se a importância dessa união, o diálogo entre ambas, tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho escolar dos alunos.

No que se refere a tarefa escolar, podemos dizer que é quase tão antiga quanto à própria escola, no entanto, nos últimos anos tornou-se um fardo pesado demais e, por isso mesmo, indesejado e desdenhado pelos estudantes e até por alguns professores.

Independentemente de a instituição ser particular ou privada a tarefa de casa é uma prática comum e está presente no cotidiano das escolas, porém pouco discutida pelos estudiosos com escassez de literatura que tratem do assunto. Diante da situação Nogueira (2002) declara:

Qual seria a razão de tanto descaso por uma atividade que vem ocupando grande parte do tempo do aluno no horário em que ele não está na escola, por uma atividade extraclasse que pais e educadores comumente consideram indispensável? Afinal o que se entende por Tarefa de Casa? (NOGUEIRA, 2002).

O dever de casa é aqui considerado como toda atividade pedagógica elaborada e proposta por professores, destinada ao trabalho dos alunos fora do período regular de aulas (FRANCO, 2002 apud RESENDE, 2008).

Dessa forma, a tarefa escolar, como geralmente é realizada em casa, ela permeia o cotidiano das famílias, isso delega muita responsabilidade para a escola, que pode ter uma conotação negativa ou positiva frente às famílias. Considerando que a tarefa é o que há de mais visível de todo trabalho escolar, é o que chega aos “olhos” dos pais.

No entanto observamos que a tarefa se enquadra na proposta tradicional, sendo realizada muitas vezes de forma mecânica, por obrigação ou apenas para cumprir uma exigência escolar, com atividades sem significado para o aluno. O fato de a tarefa ser fruto da escola tradicional, não desmerece a atenção devida. A tarefa pode ser discutida e está venha a se adequar às novas exigências. Para isso é necessário ser repensada pelos envolvidos.

Atualmente a prática observada é o silêncio sobre os objetivos, origens, finalidades, cuidados, metodologias ou procedimentos para avaliação da tarefa (NOGUEIRA, 2002). O professor deixa para avisar sobre a tarefa no final da aula, e não explica como fazê-la, às vezes ainda, manda apenas responder algumas páginas do livro didático como forma de colocar em dia seu plano de ação.

É comum os conteúdos serem transmitidos de uma forma que os alunos não vêem sentido, não sabe da importância do mesmo para suas vidas e, desta forma, perdem o interesse e acabam desmotivados, buscando outras formas de se realizar na escola. Daí é que se torna essencial trabalhar os conteúdos de forma crítica para despertar o interesse e educar indivíduos conscientes. O papel do professor é fundamental no sentido de dar segurança ao aluno para que o mesmo possa incorporar os conhecimentos por ele ensinados (VASCONCELLOS, 1989).

Segundo o autor Libâneo (1990) *apud* Conelheiro (2012) a tarefa de casa é um importante complemento didático para a consolidação, estreitamente ligada ao desenvolvimento das aulas.

E assim, se o aluno não vê sentido nos conteúdos de sala de aula, certamente não dará valor à tarefa de casa, pois de acordo com Nogueira (2002) as maiorias dos educadores justificam a prática da tarefa de casa como forma de fixar o conteúdo visto em sala de aula.

Embora a tarefa deva ser feita sem a ajuda direta do professor e fora do horário das aulas, para que tenha seu devido valor, é fundamental que o professor tenha explicado previamente em sala de aula, os conteúdos e atividades a serem desenvolvidos em casa.

Klingberg (1972); Nogueira (2002); Conelheiro (2012) descrevem a função da tarefa em três momentos: preparação, aprofundamento e aprimoramento.

Preparação refere-se a tarefas prévias que o aluno pode realizar em casa a fim de introduzir um conteúdo. Ex. observar o tempo, ver um vídeo, fazer uma leitura dentre outros. Aprofundamento refere-se a estudar, aprofundar em casa um conteúdo já trabalhado em sala. Ex. desenvolver exercícios, coletar material, fazer entrevistas e outras. Aprimoramento trata-se de dar continuidade ao processo de aprendizagem com atividades que tenham esse objetivo. Lembrando que é de extrema importância o encaminhamento do professor após a realização em sala de aula, é nesse momento de “correção” que o professor vai acentuar a importância da tarefa em seu trabalho e incorporar significado para o aluno também (CONELHEIRO, 2012, p.9).

Sem perder o foco de que o fracasso da tarefa escolar trará consequências no rendimento do aluno em sala de aula. A tarefa deve ser objeto de planejamento da escola, do professor e da família. É preciso que seja prazerosa e momento significativo para o aluno, jamais uma violência. Isto é possível e necessário. Fica o desafio para os educadores (NOGUEIRA, 2002, p. 128)

3 O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO

A intervenção pedagógica se deu a partir da elaboração de uma Unidade Didática, no período de março a junho do ano de 2017, com estudos exploratórios, questionários semiestruturados para professores e alunos, leituras com a utilização de fontes variadas, como textos impressos, imagens, vídeos. O público alvo foi os alunos do 6º ano do ensino fundamental, do período matutino, do Colégio Estadual do Campo José de Anchieta, município de Paranavaí, Paraná.

A primeira ação se deu por meio da apresentação da proposta de intervenção para os professores, equipe pedagógica e a direção, durante a semana pedagógica. Na sequência o projeto foi apresentado aos alunos, destacando seus pressupostos teóricos, objetivos e a metodologia a ser usada durante a intervenção pedagógica.

Foi explicado que a implementação abordaria as atividades extra classe em forma de tarefa de casa e daria em encontros semanais e se daria da seguinte forma:

1ª Parte: Destinada aos professores das diferentes disciplinas do colégio com o objetivo de mostrar que a atividade extra classe em forma de tarefa para casa para ter efeito precisa ser planejada, orientada, corrigida e avaliada. Para tanto, seria aplicado um questionário investigativo para coleta de dados, sobre a forma que cada um planeja, elabora e executa as tarefas de casa. O questionário seria aplicado na primeira reunião pedagógica de 2017. Na sequência, haveria leitura de textos, exibição de trechos de filmes; debates e reflexões. Para essa parte foram destinadas 08 horas de estudos. No final da implementação seria conversado individualmente com os professores das respectivas disciplinas pesquisadas, para um dar um feedback das observações realizadas.

2ª Parte: Destinada aos responsáveis pelo educando como o objetivo de mostrar que participar da vida escolar do aluno é uma de suas funções diárias. Para tanto, foram destinados 4 horas de estudos, onde foram realizados questionários investigativos, leitura de textos, exibição de slides e trechos de vídeos, debates e reflexões.

3ª Parte: Destinada aos alunos do 6º ano e teria como objetivo mostrar que as atividades extra classe para serem bem executadas, precisam de organização, paciência, atenção, criatividade e saber utilizar o conhecimento escolar já adquirido. Para tanto, seriam destinadas 20 horas de estudos com as seguintes ações: Entrevista semiestruturada de coleta de dados e esclarecimentos com os alunos do 6º ano, com o objetivo de saber o que pensam sobre a tarefa e qual o procedimento de execução da mesma; reuniões semanais com os mesmos para acompanhá-los em suas atividades de casa, com o objetivo de orientá-los na organização das tarefas facilitando o processo de aprendizagem do mesmo.

4. DESENVOLVIMENTO

A tarefa de casa é uma prática pedagógica tradicional, à qual se tem atribuído diferentes funções como fixação do conteúdo, reforço escolar, desenvolvimento de responsabilidade do aluno, formação de hábitos de estudo, desenvolvimento da autonomia e transferência de aprendizagens para novas situações, dentre outras.

No entanto, tem gerado conflitos entre escola, aluno e família. De um lado o professor reclamando da pouca importância os alunos dão as tarefas e os pais que não as cobram dos filhos, os alunos alegando pouco tempo para realizá-las e os pais sem tempo ou conhecimento específico para auxiliar o filho, e assim, o embate se arrasta.

Outra divergência entre os envolvidos é a questão da valoração da tarefa de casa, sendo que alguns professores atribuem um valor adicionando à avaliação do trimestre, para a execução dos deveres, outros diminuem de um determinado valor a falta do dever, e por fim, os que nem as mensuram.

Nesse contexto, achamos necessário debater a temática pelo coletivo escolar, principalmente com pais e professores, que podem ser uma janela nas relações família e escola.

Partindo desse pressuposto, o desenvolvimento do material didático iniciou com a aplicação de um questionário diagnóstico para quatorze professores de diferentes disciplinas do estabelecimento supracitado, com o objetivo de coletar dados, sobre a forma que planeja, elabora e executa as tarefas para casa.

A primeira questão era para saber a disciplina de atuação, sendo que dos 14

professores, 2 era de geografia, 2 de história, 1 de arte, 1 de educação física, 1 de ensino religioso, 2 de ciências, 2 de matemática, 2 de língua portuguesa, 1 de língua estrangeira moderna.

Quanto ao hábito de enviar tarefas para casa, aqui considerado como toda atividade pedagógica elaborada e proposta por professores, destinada ao trabalho dos alunos fora do período regular de aulas (Franco, 2002 *apud* Resende, 2008), dez professores responderam que enviam tarefa para casa e apenas quatro não enviam. (Gráfico 1)

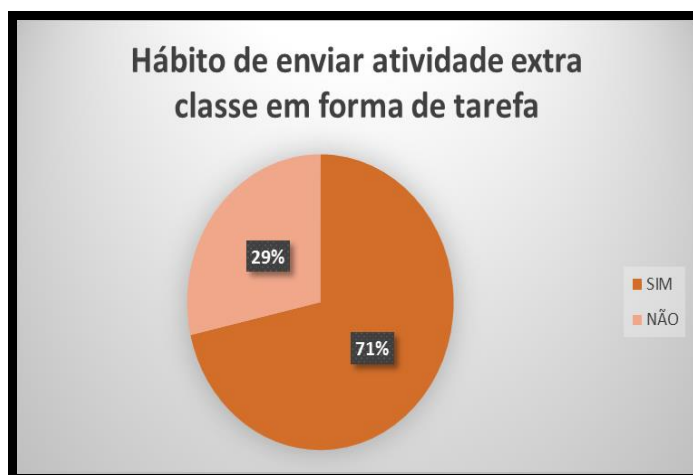


Gráfico 1 – questionamentos sobre o hábito de enviar atividade extra classe

Quanto ao objetivo em enviar atividade extra classe em forma de tarefa para casa, recebemos as seguintes respostas: 4 não enviam, 6 enviam para fixar conteúdo, 2 enviam buscando criar hábitos de estudos no educando, 2 enviam para complementar o conteúdo da aula e nenhum professor envia a tarefa buscando envolver a família nas atividades do aluno. (Gráfico 2)

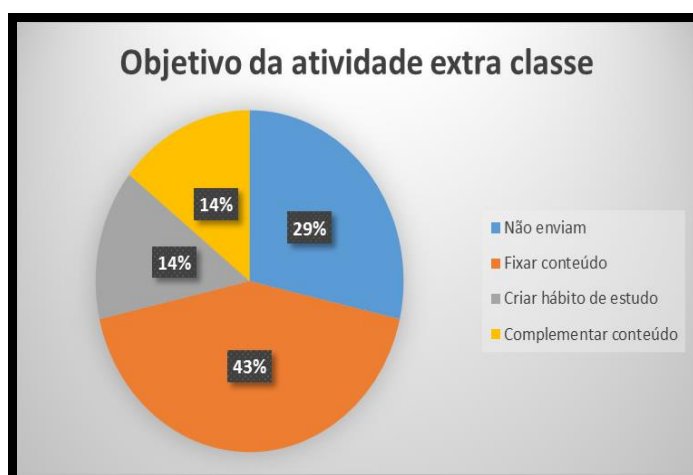


Gráfico 2 – Motivos pelos quais os professores enviam atividade extra classe

Quanto a inserir as atividades extra classe no plano de trabalho docente (PTD), foi unânime as respostas. Nenhum professor, coloca no PTD como metodologia ou avaliação, as atividades enviadas para serem feitas em casa.

No que diz respeito aos prazos estabelecidos para a realização das atividades, 4 professores declararam que o prazo é curto, normalmente na mesma semana e 6 professores estabelecem um prazo médio de 10 dias e 4 professores estabelecem o prazo de 20 dias para a realização da tarefa. (Gráfico 3)

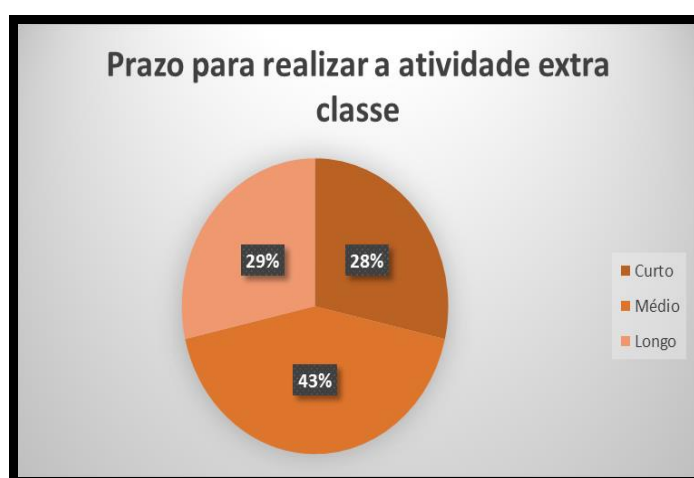


Gráfico 3 – Prazo estabelecido para a realização da atividade extra classe.

Outro questionamento que mereceu destaque foi quanto a fonte de pesquisa das tarefas para casa, sendo que as fontes citadas foram: livro didático, internet, dicionário, jornal e revistas, lista de exercícios e outros materiais preparados pelo próprio professor. Vale ressaltar que a única fonte citada por todos os entrevistados foi a internet.

Quanto ao tipo de dever, citou-se: exercícios, produção de textos, leitura de textos, leitura de livros, fazer cartazes, pesquisas em geral, acompanhar noticiário na TV e criar problemas. Nessa questão, o item mais citado foram as pesquisas em geral.

Já sobre a correção da tarefa, uma das grandes divergências dentro do ambiente escolar, buscou-se entender de que forma os entrevistados fazem a correção das tarefas que encaminham para casa. As respostas obtidas foram:

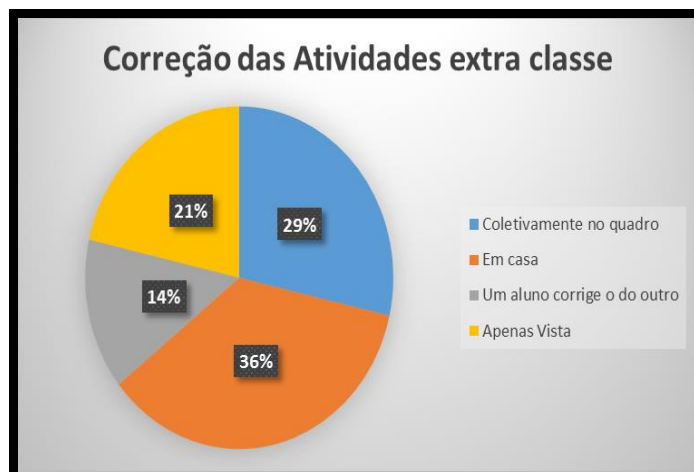


Gráfico 4 – Forma de correção das atividades extra classe

Para completar essa questão, perguntamos ao professor se o mesmo atribuí notas para as tarefas de casa, nesse caso, todos os professores responderam que sim, inclusive os que não as corrige.

Segundo as orientações de Klingberg (1972) *apud* Nogueira (2002) é importante que o professor faça a verificação posterior da resolução realizada pelo aluno e incorporar esses resultados à sua aula.

Perguntamos ainda, que providências o professor toma quando o aluno deixa de fazer as atividades extra classe em forma de tarefas, onde 2 professores responderam eu encaminham para o serviço de orientação pedagógica da escola, 1 professor respondeu que dá outra oportunidade para entrega-la mas com valor menor, 4 professores enviam bilhete aos pais comunicando-os, 3 professores não atribuem nota na atividade que não foi entregue na data. (Gráfico 5)



Gráfico 5 – Providência do professor quando o aluno não faz as atividades extra classe

Após esse levantamento de dados, na primeira reunião pedagógica da escola, a direção oportunizou a discussão sobre a temática, com todos os professores, equipe pedagógica e funcionários do estabelecimento.

Nessa reunião, foi realizada a leitura do texto “Reflexões sobre o dever de casa” da autoria de Padilha (2005) onde segundo a autora é importante que as tarefas propostas para o aluno estejam efetivamente a serviço do desenvolvimento da autoria, ou seja, essas tarefas devem ser, sobretudo, oportunidades de estímulo à sua própria produção. Que a tarefa de casa remeta-o ao estudo, à pesquisa e que lhe encomende textos e trabalhos instigantes e significativos. Ao longo de todo o ano letivo, o aluno terá tido a oportunidade de fazer brotar uma farta e caudalosa produção de textos próprios. Dessa forma, assumirá cada vez mais a posição de autor e desenvolverá sua própria metodologia de trabalho.

Na sequência a leitura do texto “O professor e a tarefa de casa” de autoria de Martha Nogueira (2002) do livro “Tarefa de casa: uma violência consentida?” O capítulo referido apresenta os seguintes questionamentos: Qual o tratamento dado a tarefa de casa em sala de aula? O aluno faz a tarefa de casa? E qual encaminhamento dado a ela? Com base nessas questões, orientou-se aos professores que em grupos as respondessem de acordo com a realidade de cada um, e completasse dizendo como deveria ser. Após essas discussões em grupo, os professores se juntaram em um grande grupo, para debater a temática.

No grande grupo, foi colocado que muitas vezes o professor deixa para avisar sobre a tarefa no final da aula, e não explica como fazê-la, às vezes ainda, manda apenas responder algumas páginas do livro didático como forma de colocar em dia seu planejamento.

E para completar fizemos o estudo do texto “A Lição de casa: quatro etapas fundamentais, escrito por Fernandes (2011) e publicado na Revista Nova Escola, segundo a autora, uma lição eficiente requer planejamento, orientação, correção e avaliação. Outro estudo realizado foi: “Os passos para orientar uma boa pesquisa”, que são: Perguntar; Buscar; Interpretar; Escrever e Socializar (Moço, 2010).

Outra problemática levantada foi a forma dos conteúdos serem transmitidos aos alunos, que não vêm sentido, não sabe da importância do mesmo para suas vidas e, desta forma, perdem o interesse e acabam desmotivados, buscando outras formas de se realizar na escola. Daí é que se torna essencial trabalhar os conteúdos

de forma crítica para despertar o interesse e educar indivíduos conscientes. Segundo Vasconcelos (1989) o papel do professor é fundamental no sentido de dar segurança ao aluno para que o mesmo possa incorporar os conhecimentos por ele ensinados.

Finalizando essa primeira parte, informamos aos professores que faríamos o mesmo estudo com os pais e alunos em momentos diferenciados e pedimos a colaboração dos mesmos quanto ao encaminhamento das tarefas de casa, pois somente dessa forma, esse estudo alcançaria o objetivo proposto.

A segunda parte destinada aos pais, foi realizada no período noturno, para facilitar a participação dos mesmos. Após explicar os motivos da reunião, pedimos que respondessem a um questionário investigativo com o objetivo de entender como é a rotina atual das atividades extra classe de seus filhos e o que pensam a respeito.

Compareceram na reunião e responderam ao questionário, trinta e dois pais de alunos do 6º ano do estabelecimento. A primeira questão levantada foi se os mesmos olham se os filhos têm tarefa para casa. Todos os pais presentes, responderam que sim, perguntam ao filho se tem tarefa.

O segundo questionamento foi se o filho costuma ter frequentemente atividades extra classe para fazer em casa, onde dez pais responderam que sim, cinco pais responderam que não, oito pais responderam que as vezes e nove pais responderam que não sabiam a frequência que os filhos levam tarefas para casa. (Gráfico 6)

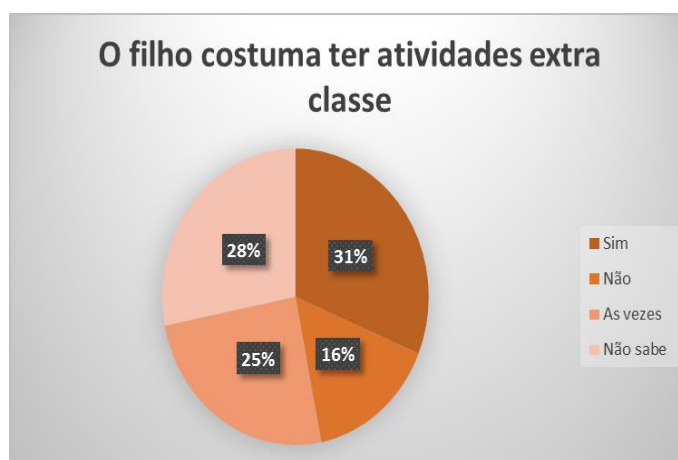


Gráfico 6 – O filho costuma levar atidades extra classe frequentemente para ser realizada em casa.

Quando questionados se acham que o professor deve mandar atividades para serem realizadas em casa, todos os pais responderam que sim, pois é uma forma do filho se dedicar um pouco todos os dias aos estudos.

O questionamento mais divergente foi sobre o horário em que o filho faz as tarefas de casa. Aqui doze pais responderam que os filhos realizam as tarefas antes de dormir; seis pais responderam que não há um horário fixo; cinco responderam que antes de ir para a escola, os filhos fazem as tarefas; já três pais responderam que assim que chegam em casa depois das aulas e seis pais alegaram não saber o horário certo. (Gráfico 7)

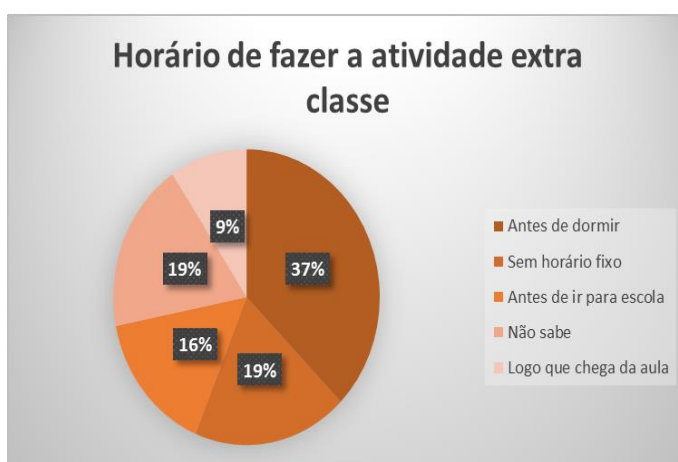


Gráfico 7 – Horário que o filho costuma realizar as atividades extra classe.

Quanto ao local utilizado para realizar as tarefas, obtivemos as seguintes respostas: No quarto 8, na cozinha 4, na sala com a televisão ligada 9, na sala com a televisão desligada 6, sem lugar fixo 5. (Gráfico 8)



Gráfico 8 – Local onde frequentemente o filho costuma realizar as atividades extra classe.

Questionamos ainda, sobre a utilização de aparelhos celulares, fones de ouvido, notebook ou computadores na hora de realizar as atividades extra classe. Os pais responderam na totalidade que os filhos sempre estão com o celular e o fone de ouvido enquanto fazem as tarefas.

Sobre auxiliar o filho nas tarefas, 21 pais responderam que não auxiliam, 6 pais responderam que auxiliam somente quando o filho pede e cinco pais responderam que procuram auxiliar frequentemente.

Para aprofundar a temática, perguntamos, se algum pai já foi chamado a escola, para tratar de assuntos referentes a tarefas. Dos 32 pais presentes, 21 nunca foram chamados e 11 já tiveram que comparecer no colégio para falar sobre o não cumprimento de algumas tarefas do filho. (Gráfico 9)



Gráfico 9 – Pais que já foram chamados a escola para falar sobre não cumprimento de tarefas

Uma questão fundamental para entender o que os pais pensam a respeito das tarefas, foi realizada neste momento, quando perguntamos se o pai acha que a tarefa tem contribuído para a aprendizagem do filho. Dos trinta e dois pais, somente quatro responderam que a tarefa não contribui na aprendizagem do filho.

Para concluir, questionamos qual procedimento a escola deve tomar quanto ao aluno que não realiza as tarefas de casa. Aqui 15 responderam que devemos chamá-los na escola; 10 acham que devem ser informados por meio de bilhetes e sete pais acreditam que o assunto deve ser tratado com o próprio aluno.

Após esse levantamento de dados, exibimos dois vídeos, o primeiro vídeo mostrando cenas de pais com seus filhos, onde os filhos imitam as atitudes dos pais. Na sequência, um vídeo em forma de slides elaborado pela patrulha escolar, dando

dicas de como o pai ou responsável pode e deve acompanhar a vida escolar do aluno. Para concluir abrimos uma roda de conversas sobre o papel da família na vida escolar do filho.

Outra ação que realizamos com os pais a leitura do texto “Dicas para seu filho estudar em casa”, para tanto, exibimos o texto em forma de slides no data show, para não ser cansativo e monótono, com as intervenções orais necessárias para completar as informações que se queríamos transmitir. Após leitura coletiva do texto, realizamos uma roda de conversas, ouvindo que os responsáveis pensam sobre a tarefa escolar.

Entre muitas as muitas informações e leituras realizadas coletivamente com os pais, destacamos algumas ações que pedimos aos pais que tentassem realizar com os filhos, tais como:

Organização: Veja o que seu filho tem de lição de casa e qual a data da entrega. Ajude-o a organizar o tempo e evite que ele acumule as tarefas; Elimine o barulho: Desligue a televisão, o celular e o rádio e tente eliminar sons que possam atrapalhar a concentração; Combine as regras da lição: Converse com o seu filho e combine com ele uma rotina para a lição de casa. Onde ela será feita, em que horário, quanto tempo vai durar, entre outros; Tudo arrumado: Organize e deixe limpo o local definido para seu filho fazer a lição; Não dê respostas: Se seu filho tiver uma dúvida, ajude-o, mas não responda por ele! O melhor é dar dicas para que ele pense e chegue à própria conclusão. Disposição em alta Na hora da lição seu filho precisa estar bem disposto. Ou seja: não pode estar cansado, com fome, irritado, distraído... O melhor neste caso é resolver o problema primeiro. (Grupo Abril, s/p, 2012).

Esse diálogo com os pais foi necessário, tendo em vista a sequência da implementação que foi trabalhar a tarefa diretamente com os alunos. Assim, depois dos estudos realizados com os professores da escola e com os pais, passamos para o terceiro momento e o mais desafiador, reunir semanalmente com os alunos do 6º ano, por um determinado tempo, no período contrário as suas aulas, para acompanhá-los em suas atividades de casa, com o objetivo de orientá-los na organização das tarefas facilitando o processo de aprendizagem dos mesmos.

A primeira ação desenvolvida com alunos foi à exibição de um vídeo de motivação, onde buscamos transmitir a mensagem de que para superar as diversidades da vida, inclusive na escola, é necessário:

MOTIVAÇÃO: Ter motivação para aprender é o maior tesouro! Para isso, vale a pena conhecer seu próprio potencial, descobrir aquilo que cada um é, o que sabe, o que quer... Porque antes de ser um estudante, vocês são pessoas únicas e especiais!

DEDICAÇÃO: A dedicação é um valor e tanto! Para superar desafios é necessário esforço e muita dedicação. Sem isso, os vilões que atrapalham a aprendizagem tomam conta. Exercitem a dedicação, galera!

DETERMINAÇÃO: Ser determinado é lutar pelos seus objetivos! Quando se tem determinação para aprender, mesmo aquilo que parece tão difícil, descobrimos uma força que não imaginávamos que tínhamos.

SUPERAÇÃO: Quanto mais você cresce, maiores são os desafios a enfrentar na escola e na vida! A capacidade de superação ajuda a seguir em frente, se adaptar e continuar aprendendo. Por isso, nada melhor do que aprender a ser protagonista e arrasar nos estudos e na vida! (Instituto Ayrton Senna, 2013).

Na continuidade exibimos slides apresentando dicas de como realizar as tarefas. As dicas são simples, como organizar-se, procurar local silencioso, arejado com boa claridade, não ficar com o celular ligado ao lado, para não se distrair, entre outras.

E para finalizar esse dia, aplicamos um questionário investigativo, para entender como os alunos veem a tarefa. Pois de acordo com Nogueira (2002) é preciso que a mesma seja prazerosa e um momento significativo para o aluno, jamais uma violência.

No questionário investigativo iniciamos perguntando se os alunos gostam quando o professor encaminha tarefa para ser realizada em casa. Dos 32 alunos questionados, doze gostam das tarefas e vinte declarou não gostar. (Gráfico 10)

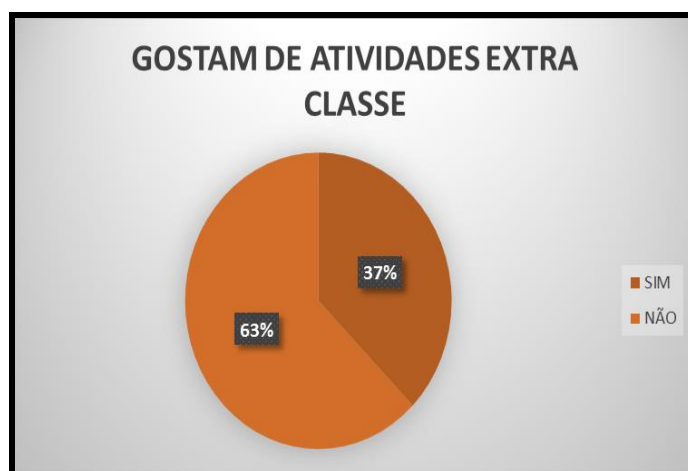


Gráfico 10 – Preferência dos alunos quanto às atividades extra classe em forma de tarefa.

A segunda questão foi para entendermos se o aluno recebe ajuda em casa

para realizar as atividades, onde, 12 alunos declararam não receber ajuda, 4 declararam receber ajuda de irmãos mais velhos, 5 recebem ajuda de avós e 9 recebem ajuda da mãe e dois recebem ajuda do pai. (Gráfico 11)

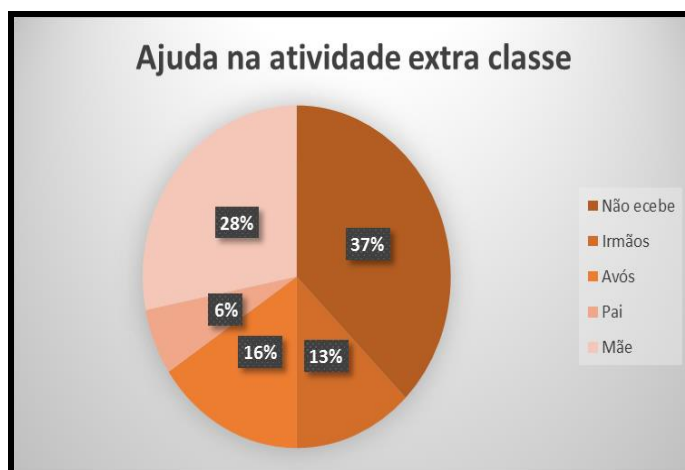


Gráfico 11 – Recebe ajuda de quem para fazer as atividades extra classe em forma de tarefa de casa.

Quanto ao local em que costumam fazer as atividades, dez alunos fazem na cozinha, sete alunos utilizam a sala da casa coma TV ligada, três com a TV desligada e doze alunos fazem tarefa no quarto. Esta questão também foi feita aos pais e ao conferi-las observamos as respostas dos alunos não coincidem com as dos pais.

Segundo Nogueira (2002) durante a realização da tarefa o ambiente deve estar silencioso, portanto deve-se eliminar qualquer tipo de som que possa atrapalhar a concentração. Diante disso, perguntamos se ao fazer as tarefas os alunos deixavam televisão, rádio ou celular ligado. A resposta foi unânime, todos permanecem com o celular e/ou a televisão ligados durante a realização das atividades.

A questão seguinte foi sobre os professores de quais disciplinas habitualmente passam atividades extra classe para ser realizadas em casa. Ficando em primeiro lugar, ciências, geografia, depois história, matemática e por último ficou língua portuguesa. As demais disciplinas não foram citadas.

Na sequência questionamos de algum aluno já deixou para fazer a tarefa em sala de aula, onde obtivemos as seguintes respostas: 6 alunos sempre deixam para fazer na sala de aula ou copiam de outros colegas que fizeram, 12 alunos responderam que só deixam de fazer quando não conseguem fazer sozinhos em

casa e 14 alunos declararam nunca terem deixado de fazer as tarefas em casa. (Gráfico 12)

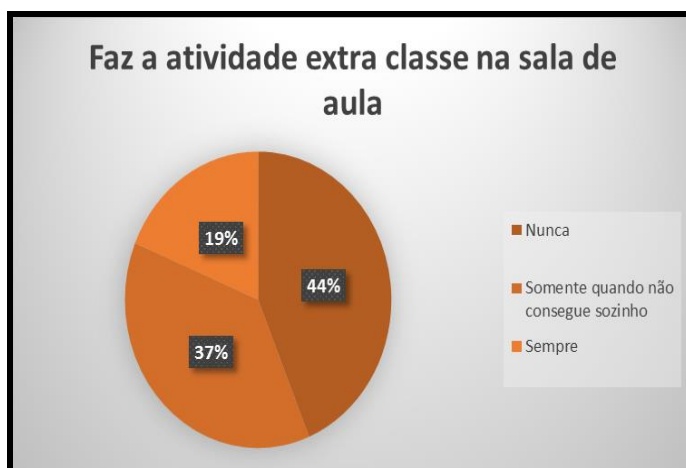


Gráfico 12 – Alunos que deixam as atividades extra classe para serem realizadas em sala de aula.

Quanto a aprender fazendo atividades extra classe, somente cinco alunos relataram que algumas tarefas auxiliam no aprendizado, doze alunos acham que sempre aprendem alguma coisa e quinze alunos que não aprendem com as tarefas.

Sobre os horários que costumam fazer as tarefas, oito alunos as fazem, logo que chegam da escola; nove as realizam um pouco antes de ir dormir; seis descansam um pouco antes de fazê-las; três as realizam um pouco antes de ir para a escola e seis alunos relataram que copiam dos colegas quando chegam à escola.

Uma das últimas questões foi a respeito das orientações que o professor dá ao encaminhar atividades para serem realizadas em casa. Os alunos responderam que depende do professor, que alguns explicam o objetivo, onde pesquisar, como fazer e o valor da atividade. Alguns professores passam a tarefa no finalzinho da aula e as vezes não explicam como realizar. E tem ainda, os que só mandam completar as atividades propostas no livro didático.

Para concluir e entender o perfil dos alunos entrevistados, questionamos quais deles estão inseridos em programas no contra turno, observamos que sete são da sala de recursos e já recebem auxílio da professora dessa sala para realizar as tarefas; treze são da Sala de Apoio à aprendizagem (SAA) e doze não possuem atividade extra curricular na escola.

Depois desse levantamento de dados, exibimos o filme “Sonho Possível” que aborda a motivação, a determinação, a dedicação e a superação, qualidades indispensáveis para o sucesso escolar dos alunos. Após a exibição falamos sobre a

mensagem principal que o autor quis passar, e assim, começamos a trabalhar as qualidades acima citadas.

Abordamos também sobre os vilões da aprendizagem, tais como, bagunça, desmotivação, preguiça, coreba, falta de vontade de tentar, falta de cuidados com o material, falta de concentração, enfim, tentamos mostrar que a aprendizagem depende muito deles próprios.

Outra orientação dada foi sobre não ir para casa com dúvidas, então a dica é, perguntar sempre. Ninguém nasce sabendo tudo e, no mundo de hoje, ninguém nunca vai saber tudo. É para isso que existem também as ferramentas de pesquisa, os livros, jornais, revistas e sites na internet.

Para continuar o desenvolvimento do material didático, depois dessas ações de motivação, passamos a atender os alunos em contra turno, para orientá-los sobre a realização das tarefas propostas pelos professores. Foi montado um cronograma de atendimento, de forma que todos os alunos recebessem a mesma atenção.

Nesses encontros mostramos aos alunos, como organizar o material didático, como fazer um resumo, como realizar uma pesquisa sem fazer cópia, como organizar o caderno didático, como fazer uma agenda e como se orientar por meio da mesma. A intenção foi mostrar aos alunos os objetivos, origens, finalidades, cuidados e formas de realizar as tarefas.

Para concluir, foi realizada outra reunião pedagógica com os professores, para dar um feedback, de todas as atividades implementadas, e ainda, mostrar os resultados obtidos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade extra classe em forma de tarefa de casa mesma sendo fruto da escola tradicional não desmerece a atenção devida. Ela pode ser discutida e adequada às novas exigências da escola atual. Para isso é necessário ser repensada pelos envolvidos.

Acreditamos que a atividade extra classe faz parte do processo de ensino e aprendizagem e, quando bem elaborada e desafiadora amplia o aprendizado. E ainda, com a participação dos pais, como eles se colocam diante da tarefa escolar, auxilia no processo de aprendizagem.

Ao concluir este estudo, podemos dizer que cumprimos com os objetivos propostos. Oportunizamos atendimento individualizado em contra turno, orientações aos pais e também professores, foram momentos de reflexão onde todos os envolvidos tiveram a oportunidade de rever como estão tratando essa temática e o que precisa ser modificado para que a mesma cumpra sua função no processo de aprendizagem.

Vale ressaltar que diversos professores lecionam para uma mesma turma, desta forma, é fundamental que haja uma dosagem entre os vários deveres, a fim de possibilitar sua realização com qualidade. Além disso, pode ser que diferentes alunos de uma mesma turma precisem de diferentes períodos de tempo dedicados ao estudo em casa. O ideal é que esse seja um assunto discutido e deliberado conjuntamente pela equipe pedagógica, os próprios estudantes e também os pais ou responsáveis.

Não podemos deixar ressaltar que a atividade extra classe deve propor atividades articuladas com o conteúdo, planejada pelo professor de maneira que o aluno possa desenvolver sozinho, essa dinâmica só terá resultados se o hábito de estudar em casa for construído dentro de uma rotina desenvolvida pela escola, com atividades significativas, despertando no aluno a autoconfiança do “fazer sozinho”. Pois, ao contrário, pode diminuir o interesse do aluno e desestimulá-lo e ainda fazê-lo perder o interesse em realizar as atividades propostas.

Para concluir, torna-se necessário afirmarmos que houve dificuldades durante a implementação, como exemplo, a falta de hábito de se trabalhar em grupo, as conversas paralelas gerando um pouco de indisciplina, entre outras. No entanto, tais dificuldades aos poucos, foram sendo superadas de forma que se pode dizer que vale a pena continuar desenvolvendo esse material nos próximos anos.

Tal fato foi também observado e registrado por colegas professores, que foram participantes do Grupo de Trabalho em Rede – GTR, proposto pela SEED, através do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, que fizeram uso do material didático, o qual foi aplicado pelos docentes em seus respectivos estabelecimentos.

Esses professores afirmaram que foi produtivo e oportuno aos seus alunos, e que muito contribuiu em relação às atividades e ainda quanto ao tema, a qual

proporcionou enriquecimento para as conversas, reflexões e produções na sala de aula.

Diante das observações efetuadas em sala de aula, como também pelo fortalecimento obtido através das análises, comentários e opiniões favoráveis dos professores participantes do GTR, foi possível concluir, portanto, que a ação educativa foi consolidada, que o trabalho realizado foi relevante e correspondeu às expectativas propostas.

Observamos ainda que trabalhar essa temática exige do professor uma atitude menos tradicional e mais conectada às novas concepções de ensino e aprendizagem, que conduzem a aulas mais dinâmicas e interativas. É fundamental que o educador tenha o desejo de ensinar e inovar, buscar novas possibilidades de estratégias para suas ações pedagógicas.

Assim, possibilitar a construção de conhecimentos e não apenas transmissão de conteúdo. É necessário conhecer diferentes práticas pedagógicas, por isso, é preciso que o professor se mantenha informado e atualizado, colocando sempre a aprendizagem do aluno em primeiro lugar.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, N. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980, p.29.

BARUEL, E.O.S.; MACHADO, S.C.A.S. **Lições estudadas, lições aprendidas!** 2006. Disponível em: < <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/impressao.asp?artigo=903>> Acesso em maio de 2016.

CALCAGNI, F.G. **A Tarefa de casa como ferramenta capaz de colaborar com a autorregulação do aluno**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/FABIANA%20GOUVEIA%20CALCAGNI.pdf>. Acesso em abril de 2016.

CARRARO, Renata. **Reportagem Revista Criança** – MEC/SEB, 2006.

CONELHEIRO, L.G. **O papel da tarefa escolar no processo de ensino e aprendizagem**. FAFIPA: Paranavaí, 2012. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_fafipa_ped_artigo_luisa_gonzalez_conelheiro_de_souza.pdf. Acesso em: abril de 2016.

- DROUET, R.C.R. **Distúrbios da Aprendizagem**. São Paulo. Editora Ática, 2003.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 23 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 1990.
- LARROYO, Francisco. **História geral da pedagogia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, v. II, 1974. (P. 631-639 e 649-653)
- LEVISCHI, B. **Nova Escola: Gestão Escolar**: São Paulo: edição especial, agosto, 2008, p.35. LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo. Cortez: 1990.
- LIBÂNEO, José Carlos et al. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.
- NOGARO, A. **A escola como espaço de aprendizagem**. Artigo publicado na Revista Filosofazer, ano XIV, nº 26, 2005.
- NOGUEIRA, C. M. M and NOGUEIRA, M. A. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições**. Abr 2002, vol.23, nº. 78, p.15-35.
- NOGUEIRA, M.G. **Tarefa de Casa: Uma violência Consentida?** Ed. Loyola. São Paulo: 2002
- PARRAT-DAYAN, S. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.
- RESENDE, T.F. **Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa**. Disponível em: <http://www.scielo.br/paideia>>. Acesso em junho de 2016.
- SANT'ANA, J. N. de. **Família e escola: o acompanhamento diário do dever de casa**. Salvador: 2011. 46f. Disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/MONOGRAFIA-JERONIMO-NATIVIDADE.pdf>. Acesso em abril de 2016.
- SANTOS, C.F.,; NUNES, M.F. **A indisciplina no cotidiano escolar**. Candombá, Revista Virtual., vol 2,nº 1, p. 14-23, jan-jun. 2006.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991.
- SKYMANSKY, H. **Relação Família e Escola: Desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2007.
- VASCONCELLOS, C. **(In) Disciplina: Construção consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad - Centro de Pesquisa. Formação e Acessória Pedagógica, 1989.
- VEIGA, I.P.A. **Escola: Espaço do projeto político pedagógico**. Campinas-São Paulo: Papyrus, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.